MIKHAEL O. SIMÕES

Oscilações

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020

CONCERTO DE VOZES

I

Há duas pedras em duas mãos
brincando numa espécie de descompasso
como amêndoas no trompete de Baker
dançam na gota d'água
em poças azuis passageiras
em sumos de orvalho:
fomos brutos em amar espelhos
e a melodia derrama o ocaso.

Somos crianças adormecidas entre lençóis
circundadas pelo devaneio da queda
um cai caindo em retornos celestes
cristais de memória vibrando
e os versos cerrados entoam outro nome:
eu sinto parcelas em mim e me dói não ser.

Toda a distância que nos separa
são semimínimas em rascunhos de eternidade.

A cidade me convida
para a sua última dança,
suas luzes mesclam-se
sudoríparas por meus pelos e
teus cachos me enaltecem
como ametistas no grave silêncio.
Uma pausa
o refrão é o concreto gemendo,
a cidade labirinto:
Concierto de voces
noche del ameno delirio
deslizó besos en las piedras
del otañal precipicio

II

fartamente
bebo
da melancolia
teu seio

ESTAÇÃO JUNDIAÍ

Eu cheguei em Jundiaí como
estrangeiro vindo da capital,
mas logo me ensinaram como
compor poesia na cidade;
Aqui não somos paulistas
Não somos estudantes
Não somos porta-voz de uma geração
Não somos jovens enlouquecidos pela noite
Não somos poetas de tom menor
Não somos caipiras tocando a viola espiritual
Não somos donos de igreja
Não somos membros de igreja
aqui não somos políticos, juízes, delegados
bem menos somos italianos
Não somos índios e negros construindo
a malha ferroviária em 1862
Não somos tupis escravos da vila de Jundiahy
nem somos negros empilhados em barracos
Não somos Fepasa, São Camilo, Mato Dentro
Não somos universitários

Não somos ativistas da Serra do Japi
nem apreciadores do bom ar da
cidade e da vida vegana
aqui não somos jovens e não
cantamos o hino nacional
Não somos empreendedores
Não somos cidade-dormitório
Não somos proprietários de imóveis na Vila Arens
Não somos gays, lésbicas ou bissexuais
Não somos travestis desfilando
renitentes na madrugada
Não somos poças rubro-sangue embaixo do salto
Aqui não somos o silêncio intermitente
aqui não há ideologia de gênero
aqui não há escola sem partido
aqui não há mendigo batendo na janela negra
aqui as pessoas não respondem em
tom afável e paternalista:
"eu sei que você vai comprar droga".

No cume da minha identidade jundiaense,
aprendi que a cidade tem dois corações.
O primeiro está na Av. Antônio
Frederico Ozanan, número 6000,
seguido da palpitante Av. Nove
de Julho, número 3300.

Ali você toma um sorvete ou almoça
hambúrguer americano,
reassiste um filme de super-herói sempre novo,
compra um vestido pra a namorada, perfume
livros lacrados e jogos de videogame.
Depois toma seu carro e se joga do
terceiro andar do estacionamento.
No dia seguinte será feriado.

DESEMBARQUE

No meu quarto gotejam pequenas cidades
e por trás das espessuras
há outros infinitos quartos gotejando cidades.
Generais nos atravessam com multidões no bolso
e portas de aço decepam as mãos que se atrevem
a resolver o mistério das coisas

O mistério das coisas é haver uma única janela
espelhando todos os cômodos por vezes escurecidos
E as pequeninas cidades às vezes se
deitam frente à única janela
Descansando entre paisagens e chamas.

OPALA-DE-FOGO

Quando os frios tons do céu de drusas
chamuscam o cigarro infinito,
nossas pernas cruzam-se no sofá
e uma ametista mancha seu umbigo.

Sodalitas dançam taciturnas
suportando facilmente essa dor,
seu ventre concêntrico,
sândalo que emana no casulo das paredes
lacrimejando.
Síncope dos metais
lembrança dos sonhos
da escápula, o desterro
do seu torso, os beijos
que aceitam o pranto
derramado como leite de âmbar
banhando suas axilas, seus pelos
mais íntimos e resistentes.

Machucaram-se seus signos,
rendidos olhos-de-gato.
Retorna à brutalidade
retoma o silêncio
pedra-da-lua
cristal-fantasma
Opala-de-fogo

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em junho de 2020.